

## PANORAMA DE TRADUÇÕES MÉTRICAS DE POESIA GRECO-ROMANA NO BRASIL

Rodrigo Tadeu GONÇALVES\*

**Resumo:** Neste artigo, apresento uma modalidade de tradução de poesia antiga em que se busca emular a estrutura métrica e rítmica dos padrões de longas e breves nas sílabas e pés poéticos greco-romanos através de oposições entre sílabas tônicas e átonas em um sistema que permita, na leitura em voz alta e/ou na performance artístico-recitativa, a possibilidade da equivalência entre tônicas e sílabas longas e átonas e sílabas breves. Aliadas ao uso adequado de outros elementos poéticos encontrados nos versos de partida, as traduções métricas podem se apresentar como recepções criativas ao mesmo tempo fiéis e inovadoras dos textos antigos, servindo não apenas para comunicar seu sentido, mas para veicular sua forma de maneira esteticamente independente e produtiva.

**Palavras-chave:** hexâmetro datílico; recepção dos clássicos; tradução literária; tradução rítmica.

**Abstract:** In this paper, I present a modality of translation of ancient poetry which seeks to emulate the metric and rhythmic structure of the patterns of long and short in the Greco-Roman poetic syllables and feet through oppositions between stressed and unstressed syllables in a system that allows, in reading aloud and/or in the artistic-recitative performance, the possibility of equivalence between stressed and long syllables and unstressed and short syllables. Combined with the appropriate use of other poetic elements found in the source text, metrical translations can present themselves as creative receptions of ancient texts that are both faithful and innovative, serving not only to communicate their meaning, but to convey their form in an aesthetically independent and productive manner.

**Keywords:** Classical receptions; dactylic hexameter; literary translation; rhythmic translation.

---

\* Departamento de Polônês, Alemão e Letras Clássicas / Universidade Federal do Paraná. E-mail: [goncalvesrt@gmail.com](mailto:goncalvesrt@gmail.com).

## Introdução à tradição hexamétrica vernácula

Não trago aqui o assunto pela primeira vez. Traduções rítmicas emulativas dos metros greco-romanos têm sido feitas há séculos, em diversas línguas, e nomes como o do francês Jean-Antoine de Baïf (1532-1589), dos alemães Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803) e Johann Heinrich Voss (1751-1826) e do italiano Giosuè Carducci (1835-1907) contam como poderosos precursores, tanto na tradução quanto na criação em formas emulativas dos metros antigos. Em português, os principais nomes que adotaram hexâmetros vernáculos foram estudados por Oliva Neto e Nogueira (2013). Sua lista inclui José Anastácio da Cunha (1744-1787), Vicente Pedro Nolasco da Cunha (1773-1844), José Maria da Costa e Silva ("Elpino Tagídio", 1788-1854), Júlio de Castilho (1840-1919, filho de Antônio Feliciano), Carlos Magalhães de Azeredo, brasileiro (1872-1963), Fernando Pessoa (1888-1935) e Carlos Alberto Nunes (1897-1990).

É com Carlos Alberto Nunes que a tradição de versificação emulativa dos ritmos greco-romanos atinge um corpo extenso o suficiente em português para que outras e outros tradutores passem a demonstrar interesse crítico e prático na modalidade, que, como veremos, se apresenta como terceira via entre a versificação românica tradicional (baseada em contagem silábicas e tônicas em posições fixas) e a versificação livre (que, no caso de traduções de poesia antiga, pode variar entre a simples disposição da tradução em versos com quebras de linha posicionadas analogamente às linhas dos textos de partida até um trabalho poético efetivo com o verso livre). É conhecida a crítica de Haroldo de Campos ao modelo tradutório de Nunes, e Gonçalves (2014) a discute no contexto de outras traduções hexamétricas vernáculos em diversas línguas. Ainda assim, é relativamente escassa a fortuna crítica sobre a obra de Nunes, embora alguns trabalhos ou notas críticas insistam em sua importância (cf. DE CONTO, 2008; BASTOS, 2015). Em outro texto importante sobre o tradutor maranhense, Oliva Neto (2014) estrutura sua análise a partir de um dos poucos trechos em que Nunes descreve ele próprio sua interpretação do hexâmetro (há pouco ou nada da própria lavra do tradutor a respeito do modo como ele mesmo conceitualiza seu trabalho do ponto de vista técnico):

"Interpretando o hexâmetro em termos da métrica portuguesa, veremos que se trata de um verso longo, de dezesseis sílabas, paroxítono, com acento predominante na 1ª, 4ª, 7ª, 10ª, 13ª e 16ª sílabas e discreta cesura depois do terceiro pé:

Ouve-me, Atena, também, // nobre filha de Zeus poderoso!" (NUNES, 1962, *apud* OLIVA NETO, 2014, p. 193)

Ou seja, para o tradutor, seu trabalho consistia em posicionar tônicas fixas em posições iniciais de células ternárias que emulam o hexâmetro sem abandonar o modelo de versificação vernáculo. Ainda estamos no domínio da contagem silábica e de tônicas em posições predeterminadas. Para avaliarmos o resultado, segue-se o próêmio da *Ilíada* na tradução de Nunes:

**C**anta-me a **c**ólera – ó **d**eusa // – **f**unesta de **A**quiles **P**elida,  
**c**ausa que **f**oi de os **A**quivos // **s**ofreres **t**rabalhos sem **c**onta  
**e** de **b**aixarem para o **H**ades // as **a**lmas de **h**eróis **n**umerosos  
**e** **e** esclarecidos//, **f**ican//do eles **p**róprios// aos **c**ães **a**tirados  
**e** como **p**asto das **a**ves. // **C**umpriu-se de **Z**eus o **d**esignio  
**d**esde o **p**rincípio em que os **d**ois // em **d**iscórdia **f**icaram **c**indidos

O trabalho monumental de Carlos Alberto Nunes (que traduziu não apenas todo o Homero e a *Eneida*, mas também todo o Shakespeare, todo o Platão e algumas coisas de Goethe, entre outros), apesar de seus problemas, tem sido reconhecido como inspiração para os projetos recentes de recriação rítmica que pretendo apresentar aqui. Oliva Neto (2014) já lista algumas empreitadas recentes publicadas em que se encontravam desenvolvimentos a partir do modelo de Nunes: Gonçalves et al. (2011), Antunes (2012) e Nogueira (2013). De lá para cá, o volume de traduções rítmicas só tem aumentado, e apresentar esse panorama revitalizado é nosso objetivo principal aqui.

### **Interlúdio: Fernando Pessoa**

Embora não sistematicamente, Fernando Pessoa é um dos poetas e tradutores que desenvolveram modelos de emulação rítmica de metros antigos, tanto em sua própria obra (no caso específico de Ricardo Reis a partir de modelos horacianos) quanto no caso de traduções (como no trecho da *Eneida* que exponho abaixo e, mais famosamente, em sua tradução rítmica de “O Corvo” de Edgar Allan Poe). Nogueira (2014) analisa a reconstrução de asclepiadeus maiores em um poema de Ricardo Reis, mas antes apresenta diversos trechos de traduções e discussões encontradas em um manuscrito de Fernando Pessoa sobre métrica editado por Fernando Lemos (o envelope 122). Uma das passagens citadas é a do início da *Eneida*:

**Armas e o varão** | eu **canto** que **vindo** de **Troia**  
À **costa** italiana | **primeiro** impulso da **sorte**  
E à Lavínia **chegou** | em **mar** e **terra** agitada [...].  
(*Eneida* I, 1-3, trad. Fernando Pessoa, *apud* NOGUEIRA, 2014: 178)

Embora infelizmente constando de apenas um trecho, o que vemos é uma proposta de um hexâmetro flexível, diferente dos de Nunes, em que cinco ou seis tônicas principais posicionam-se entre uma ou duas átonas, com a possibilidade de anacruse (ou, em uma leitura alternativa, elisão entre versos em uma modalidade de *enjambement* que retira da conta a sílaba inicial iniciada com vogal quando o verso anterior também se encerra com vogal), mais presença de cesuras em posições fixas. A escansão com negritos é minha, apenas para ilustrar os elementos apontados. Comparemos com o mesmo trecho em Nunes, com suas dezesseis sílabas fixas, e uma variação que propus recentemente como exercício de leitura da tradução hexamétrica em inglês de Frederick Ahl – que se soma à de Rodney Merrill como duas traduções inglesas hexamétricas completas recentes):

**As** armas **canto** e o **varão** que, **fugindo** das **plagas** de **Troia**  
por injunções do Destino, instalou-se na Itália primeiro  
e de Lavínia nas praias. A impulso dos deuses por muito  
tempo nos mares e em terras vagou sob as iras de Juno,  
guerras sem fim sustentou para as bases lançar da cidade  
e ao Lácio os deuses trazer - o começo da gente latina,  
dos pais albanos primeiros e os muros de Roma altanados.  
Musa!, recorda-me as causas da guerra, a deidade agravada;  
por qual ofensa a rainha dos deuses levou um guerreiro  
tão religioso a enfrentar sem descanso esses duros trabalhos?

Cabe tão fero rancor no imo peito dos deuses eternos?  
(*Eneida*, I, 1-11, trad. Carlos Alberto Nunes, 1983)

**Armas e o homem eu canto, que de Troia, primeiro,**  
para a Itália, do fado fugindo, chegou às Lavínias  
costas, ele que, muito arrastado por terras e mares  
pelo vigor dos súperos e ira de Juno selvagem,  
muito sofreu na guerra até que fundasse a cidade  
e introduzisse os deuses no Lácio, donde os latinos,  
vêm, e os pais albanos, e as altas muralhas de Roma.  
Musa, me as causas relembra, qual nume fora ofendido,  
quanto doeu-se a rainha dos deuses tal que a tamanhos  
infortúnios um homem tão piedoso, e labores  
impelisse. Há tanta ira nas almas celestes?  
(*Eneida*, I, 1-11, trad. Rodrigo Gonçalves, 2021, não publicada)

Pessoa trabalha o nível rítmico com consciência das possibilidades que se abrem à poética vernácula ao colocá-la em fricção com os modelos greco-romanos e anglo-germânicos (estes, como se sabe, mais frequentemente fundamentados em sistemas de pés formados por alternâncias rítmicas entre sílabas tônicas e átonas, como é o caso do pentâmetro iâmbico, equivalente anglo-germânico de nosso decassílabo). Por exemplo, Paulo Henriques Britto (*apud* POE, 2019, p. 39) nos informa que, como subtítulo de sua tradução do poema "O Corvo" no original de 1924, o poeta português chama sua versão de "rítmicamente conforme ao original". Tal designação nos indica que sua tradução deve ser lida como análoga ao sistema métrico do poema inglês, que se estrutura em estrofes de octonários trocaicos que alternam finais cataléticos e acataléticos e encerram com um meio verso. Uma leitura vernácula do verso resultante poderia considerá-lo como um verso bárbaro (por ser mais longo do que o maior verso admitido pela maioria dos tratados de versificação românica, o dodecassílabo) de 15 sílabas ou como a sobreposição de duas redondilhas maiores (cf. abaixo, por exemplo "Numa meia noite agreste / quando eu lia, lento e triste"), mas *também* como um verso de oito células trocaicas perfeitamente análogas ao texto de partida:

**Numa meia-noite agreste, // quando eu lia, lento e triste,**  
**Vagos, curiosos tomos // de ciências ancestrais,**  
E já quase adormecia, ouvi o que parecia  
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.  
"Uma visita", eu me disse, "está batendo a meus umbrais."  
É só isto, e nada mais."

A tradução de Poe da lavra de Pessoa abre diversas possibilidades rítmicas para o ouvido atento. Como exemplo, a partir dessa percepção, Flores e Gonçalves (2017, p. 230ss.) discutem a estrutura do poema de Poe e retrabalham a tradução de Pessoa em uma recriação paródica que mantém a mesma estrutura, alternando as rimas e imagens do poema como um exercício identificado como "tradução-exu" (mais recentemente, Flores expandiu a noção em novo livro de ensaios, cf. FLORES, 2022):

**Meia noite em meu terreiro //— eu cansado e já cabreiro**  
**compulsava por inteiro // velhos livros de vodu;**  
já pescava, adormecendo, quando ouvi alguém batendo,  
gentilmente me rangendo, range em meu vestibulo.  
"Deve ser uma visita junto ao meu vestibulo",  
eu dizia "sem rebu".

## Metros líricos e dramáticos

Antes de prosseguirmos a uma exposição do hexâmetro vernáculo brasileiro do século XXI, apresento brevemente alguns desenvolvimentos de traduções de emulação rítmica de poesia lírica e dramática. No primeiro caso, os trabalhos de maior alcance são a tradução dos fragmentos completos de Safo por Guilherme Flores, publicados em 2017, todos ritmicamente conformes ao original. O trabalho deriva da tese de doutorado de Flores (2014), em que se desenvolve um estudo sobre todos os metros de Horácio e sua respectiva recriação performática e rítmica. O resultado do trabalho com Horácio tem sido publicado também em uma série de volumes, dos quais a *Arte Poética* constitui o primeiro, cf. veremos abaixo. Um dos desenvolvimentos importantes desse tipo de abordagem, especificamente nesse caso, é que os trabalhos de recriação rítmica de Safo, Horácio, Catulo, entre outros poetas antigos, têm sido colocados em performance e música no projeto Pecora Loca, fundado por mim e por Flores, em que criamos um espaço de laboratório musical para colocar na voz e no corpo as recriações rítmicas a partir da tradução. Mais pode ser visto em [www.pecoraloca.com](http://www.pecoraloca.com) e outras mídias do grupo.

Um segundo tradutor que tem retrabalhado a poesia antiga ritmicamente é o professor de língua e literatura grega da UFRGS, Leonardo Antunes, que, desde suas traduções de poesia lírica grega realizadas como parte de seu mestrado em Letras Clássicas realizado na USP sob orientação de André Malta Campos, publicadas em forma de livro em 2011, vem elaborando diferentes métodos de recriação rítmica da poesia antiga. Um dos desenvolvimentos mais importantes de sua trajetória, para os fins do presente panorama, foi a tradução da tragédia “Édipo tirano”, em que os trímetros jâmbicos gregos foram vertidos em dodecassílabos de cadência majoritariamente jâmbica e as passagens corais foram todas vertidas emulando o ritmo grego, de modo a permitir que os versos sejam cantados em ambas as línguas com a mesma melodia e ritmo, exercício que o próprio Antunes realiza em seu canal de Youtube. Para um exemplo, veja-se o párodo, vv. 151-215, em grego e em português, no vídeo [https://youtu.be/d3EvOdXZ\\_V8](https://youtu.be/d3EvOdXZ_V8).

Também no gênero dramático estão as publicações recentes de Plauto por Leandro Dorval Cardoso e Terêncio por Rodrigo Tadeu Gonçalves. Por motivo de brevidade, remeto a algumas análises apresentadas antes da publicação das duas peças em que se discutem os diferentes modos de recriação dos tipos de versos falados/recitados (*deverbia*) em senários iâmbicos ou os recitativos em septenários trocaicos ou versos jambo-trocaicos de medida mais longa ou ainda os cânticos polimétricos musicados (GONÇALVES; CARDOSO, 2014; FLORES; GONÇALVES, 2014). O mesmo tem sido feito, com resultados também semelhantes aos do Sófocles de Antunes, por Sergio Maciel em dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em letras da UFPR.

## Hexâmetros vernáculos recentes

Por fim, passemos ao panorama do hexâmetro vernáculo mais recente, que tem se desenvolvido de forma bastante prolífica, tanto a partir da prática de tradutores jovens ou já mais experientes, quanto a partir da construção de um

corpo crítico-teórico em trabalhos de mestrado e doutorado que discutem as limitações, dificuldades e virtudes de traduções de emulação rítmica. Apresentei em Gonçalves (2019) sete tradutoras e tradutores jovens que, em trabalhos de monografia, mestrado e doutorado, em diferentes instituições (UFPR, UFRGS, UFES, UFRJ), propuseram formas recentes de hexâmetros vernáculos. Passo a citar alguns versos de algumas dessas traduções, comentando seus esforços brevemente, por limitações trazidas pela própria natureza deste texto:

a) Flavia Fróes da Motta Budant, graduada em letras clássicas pela UFPR, apresentou na forma de monografia de conclusão de curso uma versão hexamétrica do epílio 64 de Catulo (revisada e publicada em BUDANT, 2020), após ter desenvolvido como projeto de Iniciação Científica uma tradução hexamétrica de um trecho do livro III de *De Rerum Natura* de Lucrécio. Vejamos um trecho:

Em outros tempos, pinheiros, do cimo pelíaco prole,  
contam, correram as plagas netúnias, volvendo em ondas,  
'té as fronteiras de Eeta e ao longo do Fásis revolto,  
quando a excelsa progênie, argivos rapazes de força,  
ávidos em saquear o cólquido velo dourado,  
co'a ágil popa ousaram a salsa maré vadear e os  
planos cerúleos sulcaram co' os remos de palmas de abeto.  
(Catulo, 64, 1-7)

5

b) Marina C. Grochocki, graduada em letras clássicas pela UFPR, mestre pela mesma instituição, atualmente doutoranda na University of Wisconsin-Madison, publicou algumas traduções rítmicas de poemas do Apêndice Virgiliano, após ter participado da tradução rítmica coletiva de Catulo 63 em Gonçalves et al (2015) (primeira tradução realizada e performada pelo coletivo Pecora Loca, do qual Grochocki faz parte em sua primeira formação) e ter produzido uma proposta de recriação rítmica do dístico elegíaco a partir de uma das *Heroides* de Ovídio em Grochocki (2016). Aqui, um trecho de sua tradução de Moretum, 101-116 (GROCHOCKI, 2018):

Vão em giro as mãos: aos poucos cada atributo  
próprio perdem e a cor é uma dentre diversas:  
nem é um todo verde, pois partes leitosas resistem;  
nem como leite brilha, pois era mudado por ervas.  
Várias vezes atinge as narinas expostas o cheiro  
acre, e condena o seu desjejum com nariz contraído,  
várias vezes esfrega com a mão os olhos chorosos  
e furioso com a injusta fumaça insultos resmungo.  
Continuava o trabalho, não inconstante como antes,  
mas mais pesado o lento pilão em círculo ia.  
Gotas de azeite de Palas Atena coloca em seguida  
e derrama em cima o vigor do parco vinagre  
e de novo combina o trabalho. Retira a mistura.  
Com dois dedos, logo, por último, toda a tigela  
raspa e junta em uma esfera as partes distantes,  
o que condiz com a aparência e o nome do feito moreto.

c) Luiza dos Santos Souza, também graduada em letras clássicas pela UFPR e mestra pela mesma instituição, atualmente doutoranda na Universidade de Cincinatti, produziu, em seu mestrado, um estudo sobre as modalidades de tradução vernácula já consolidadas e sobre uma possibilidade de recriação rítmica para o dístico elegíaco que resultaram em uma bi-tradução do livro I dos *Amores*



de Ovídio. As duas traduções, uma em versos de contagem fixa e outra em versos de emulação rítmica, ilustram criticamente as limitações e vantagens de cada método, como se pode ver em Souza (2016). Vejamos um trecho da primeira elegia dos *Amores* no modelo rítmico:

Todo amator, militar – tem suas armas Cupido;  
Ático, crê em mim: todo amator, militar.  
Servem hábeis à guerra também as idades de Vênus:  
torpe um senil militar, torpe um senil em amor.  
Ânimo, que o comandante pede do forte soldado,  
ao seu varão também pede uma bela mulher.  
Ambos vigiam, na terra descansam este e aquele –  
um, da senhora aos portões, outro, aos do seu general.  
Longo é o caminho para o soldado; se ordena a menina,  
forte amante sem fim sempre por ela ele irá. (*Amores* 1.9.1-10)

d) Também na UFPR, outros projetos têm sido realizados, em diversas línguas, como os doutorados recentes de Raphael Pappa Lautenschlager e Daniel Falkembach Ribeiro, traduzindo poesia arcaica homoerótica e Calpúrnio Sículo, respectivamente, e a dissertação de João Vitor Candido (2017), com tradução hexamétrica do poema de Goethe, Reineke Fuchs:

C. Não domina cavalos do sol o estio mitigado,  
mesmo que uvas em úmidos cachos prensas espremam,  
que efervescente mosto espume com rouco murmúrio.  
Olha, você vê, Órnito, como as vacas do nosso  
pai com cuidado deitaram o flanco na rude giesta?  
Nós não vamos também para baixo da sombra do lado?  
Só com o gorro cuidamos dos nossos rostos queimados?  
O. Córidon, ó meu irmão, melhor o bosque buscaremos,  
lá nessa gruta de Fauno pai em que finas folhagens  
encham o pinhal que levanta ao forte sol a cabeça,  
onde a faia também protege as águas que abaixo  
brotam e envolve as sombras com trêmulos galhos.  
(Calpúrnio Sículo, *Écloga I – Córidon e Órnito*, v. 1-12, trad. Daniel Falkembach Ribeiro)

Tempo festivo chegou, Pentecostes; em montes e vales  
campo e floresta se cobrem de flores; nos prados e cercas  
pássaros cantam alegres canções com humor renovado;  
cada gramado germina e floresce no solo cheiroso,  
brilha o céu jubiloso e cobre a terra de cores.  
Nóbel, o rei, reúne a corte; vassallos se apressam,  
foram chamados ao paço com grande pompa e regalo;  
vinham de todos os cantos, altivos sócios briosos,  
Marques, a gralha, e Ludo, o grou, e todos os nobres,  
pois o rei desejava juntar os ilustres barões em  
festa e fausto com uma feliz audiência da corte.  
Foram todos chamados lá, pequenos ou grandes.  
(Goethe, Reineke Fuchs I, 1-10, trad. João Vitor Candido)

e) Alguns trabalhos importantes têm sido desenvolvidos em outras instituições, como a tese de doutorado de Rafael Cavalcanti do Carmo (orientada por Raimundo Carvalho na UFES, defendida em 2018), com tradução hexamétrica integral das *Sátiras* de Juvenal:

Sempre eu serei um ouvinte somente? E jamais responder-lhes,  
eu tantas vezes vexado por rouca *Teseida* de Cordo?  
Impune então me terá recitado aquele togadas?

Este elegias? E impune meu dia é esvaído no ingente  
*Télefo* e já com a margem de cima repleta do livro 5  
 e mesmo nas costas escrito e ainda infinito um *Orestes*?  
 Não há quem saiba da própria morada mais que eu do sagrado  
 bosque de Marte e, aos Eólios vizinha rochedos, da gruta  
 do deus Vulcano. O que fazem os ventos, quais almas tortura  
 Éaco, donde aquele outro a furtada carrega dourada 10  
 pele e o tamanho dos freixos que Mônico vai dardejando,  
 os de Frontão altos plátanos clamam e os mármore rotos  
 sempre e por causa de assíduo, quebradas, leitor as colunas. (*Sat*, I,1,1-13)

f) Dentre os trabalhos recentes mais abrangentes e sofisticados na análise técnica e execução dos hexâmetros, destacam-se a tese de doutorado de Arthur Rodrigues Pereira Santos, defendida na UFRJ sob orientação de Anderson Martins Esteves em 2020 e a dissertação de mestrado de Bruno Palavro, defendida em 2021 na UFRGS sob orientação de Leonardo Antunes. Santos não apenas traduziu as *Geórgicas* de Virgílio em um hexâmetro muito bem acabado (que chamou bastante adequadamente de “Geórgicas Bárbaras”), mas também produziu um estudo detalhado e sofisticado das possibilidades da forma que passam a ser referência para qualquer trabalho posterior, que inclui até mesmo uma notação própria para estudo das modalidades de hexâmetros em português. O mesmo grau de importância e relevância para o contexto das traduções rítmicas vale para o trabalho mais recente de Palavro, que traduziu os dois poemas hesiódicos canônicos mais os fragmentos do “Escudo” em uma coleção de hexâmetros que chamou de “Hesiódica”. Seguem trechos:

Como dar viço às searas alegres, sob qual astro  
 deve-se a terra, Mecenas, volver e casar as videiras  
 com os olmeiros, quais cuidados ao boi e ao rebanho  
 são dispensados, quanta perícia às parcas abelhas:  
 eis o que agora celebro. Vós, ó luzeiros brilhantes  
 deste mundo, guiando no céu o ano que escoia;  
 (VIRGÍLIO, *Geórgicas*, I, 1-5, trad. Arthur Santos)

Das Musas Helikoníades principiemos o canto!  
 Elas possuem o Hélikon, monte grandioso e divino,  
 e pelas voltas da fonte violácea com seus pés macios  
 dançam, e em torno do altar que é do altipossante Kroníon.  
 Tendo banhado seus corpos da pele mais tenra ao Permesse,  
 ou na fonte Hippokrene, ou no Olmeio divino,  
 fazem no altíssimo topo do Hélikon danças em coro,  
 belas, e incitam desejo, fluentes com pés irrompendo!  
 (HESÍODO, *Theogonia*, vv. 1-9, trad. Bruno Palavro)

## Projetos editoriais recentes mais completos

Como primeiro volume da obra completa de Horácio em tradução de emulação rítmica, Guilherme Gontijo Flores publicou em 2020 a *Arte Poética*, com os volumes restantes a sair a partir de 2022, na mesma coleção, na sequência “Odes”, “Epodos”, “Sátiras” e “Epístolas”. A famosa epístola foi traduzida em hexâmetros vernáculos e, diferentemente dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos por Palavro (2021), Ribeiro (2021), Santos (2020), Souza (2016), e pelo próprio Flores (2014), entre outros, o volume dedica intencionalmente pouco espaço à discussão detalhada do metro, com a finalidade de não induzir a leitora ou o leitor



a uma preocupação excessiva com a pauta métrica e evitar a criação de uma aura arcana e complexa de sofisticação onde, de fato, não é necessária. Para ilustrar, vejamos em detalhes a passagem em que o tradutor explica seu metro:

Como já apresentei no artigo "Tradutibilidades em Tibulo" (FLORES, 2011, p. 146-147) e posteriormente desenvolvi ao longo da tese de doutorado (2014), entendo que é possível fazer um hexâmetro datílico brasileiro partindo das regras de metrificação alemãs. O hexâmetro em questão não é um verso tipicamente alemão, mas sim decorrente do hexâmetro fundado pela tradução de Homero feita por Johann Heinrich Voss (*Odisseia* em 1781); nela, o alemão criou um verso de metro também variável que poderia ser resumido na seguinte estrutura: o hexâmetro deve ter 6 tônicas, mas, entre uma e outra, pode haver uma ou duas sílabas átonas: com isso, ele pode recriar também a variação em espondeu. Para além disso, na prática vocal que tenho realizado sozinho ou em grupo com o grupo musical Pecora Loca, venho propondo que essa vinculação não se dá puramente numa equivalência entre sílaba longa do latim e sílaba tônica do português; na verdade, a distribuição visa a uma performance vocal que recrie o efeito de um recitativo em compasso 4/4. Assim, no hexâmetro que proponho a partir do alemão, realizo uma longa que dura dois tempos e breves que duram apenas um tempo; com isso a variação de um dátilo (—vv, portanto 2 + 1 + 1 = 4) aceita um espondeu (—, já que que 2 + 2 = 4), que em português muitas vezes é feito por uma tônica seguida de uma átona; o que se dá na prática é que a átona também é alongada na performance. Em outras palavras, estou saindo da tradição da métrica escrita e tentando compreender como funciona a metrificação da poesia falada e cantada. A explicação concisa é difícil, por isso escando abaixo os primeiros versos do latim (sublinhadas estão as elisões):

1            2            3            4            5            6  
 — —    — v v    — —    — —    — v v    — x  
 Huma | no capi | ti cer | uicem | pictor e | quinam

1            2            3            4            5            6  
 — v v    — v v    — v v    — —    — v v    — x  
 iungere | si uelit | et uari | as in | ducere | plumas

1            2            3            4            5            6  
 — v v    — —    — —    — —    — v v    — x  
 undique | colla | tis mem | bris, ut | turpiter | atrum

1            2            3            4            5            6  
 — v v    — —    — v v    — —    — v v    — x  
 desinat | in pis | cem muli | er for | mosa su | perne,

1            2            3            4            5            6  
 — —    — —    — —    — v v    — v v    — x  
 specta | tum admis | si ri | sum tene | atis, a | mici?

Em seguida o texto em português, de modo um pouco mais clarificado entre os seis compassos, os usos de longas e breves e as sílabas:

1            2            3            4            5            6  
 — — | — — | — v v | — — | — v v | — x  
 Se à ca | beça hu | mana um pin | tor e | quino pes | coço

1            2            3            4            5            6  
 — — | — v v | — v v | — — | — v v | — x  
 costu | rasse ao a | caso e apli | casse | penas di | versas

1            2            3            4            5            6  
 — — | — v v | — v v | — — | — v v | — x  
 sobre | membros co | lados de | bichos | vários, fin | dando

1                    2    3            4                    5                    6  
 — — | — — | — v v | — v v | — v v | — x  
 preto | peixehor | rendo da | bela mu | lher do co | meço,  
  
 1                    2                    3                    4                    5                    6  
 — — | — v v | — v v | — v v | — v v | — x  
 vendoa | mostra, vo | cês conte | riam o | riso, meus | caros?  
 (FLORES, 2020)

Em 2021 também saiu, na forma de livro, pela editora Perspectiva, a tradução hexamétrica do livro XI da *Odisseia* de Homero da lavra de Marcelo Tápia Fernandes, baseada em sua tese de doutoramento defendida na USP e em muitos anos de trabalho crítico e prático com base em performance e musicalização de hexâmetros e outras formas de poesia antiga. Tápia, diretor da Casa Guilherme de Almeida, tem dedicado grandes esforços para possibilitar a difusão de trabalhos e iniciativas de performance de traduções literárias antigas, especialmente através da realização anual do encontro “Tradução dos Clássicos no Brasil” no referido centro cultural, bem como de outros eventos e cursos no mesmo âmbito. Os hexâmetros de Tápia, com maior flexibilidade na primeira parte e manutenção rígida da cláusula hexamétrica para fins de garantia da identidade rítmica do verso, seguem em um breve exemplo:

Quando, depois, descemos ao mar e ao navio,  
 primeiro ao mar divino a nau empurramos,  
 e dela, negra, o mastro e as velas erquemos;  
 levadas a bordo as ovelhas pegas, seguimos  
 tristes, aflitos, vertendo lágrimas fartas.  
 Por trás da nau de escura proa, soprava  
 vento propício, bom companheiro, que nos enviara  
 Circe de belos cachos, temível deusa canora.  
 (HOMERO, *Odisseia*, XI, 1-8, trad. Marcelo Tápia Fernandes)

Também recente é a publicação da tradução hexamétrica integral do poema de Lucrécio, *Sobre a natureza das coisas*, por Rodrigo Tadeu Gonçalves, pela coleção Clássica da Autêntica Editora (2021). Embora o trabalho tenha se iniciado em 2014 a convite do editor Oséias Ferraz, a dificuldade da empreitada, dada a natureza complexa do texto de Lucrécio e a opção pela versão rítmica do poematratado, a obra vem a público sete anos depois, bilíngue, e, por suprir uma lacuna importante para a tradição poética e filosófica, assim como no caso da *Arte Poética* de Horácio de Guilherme Flores, opta por não enfatizar nos paratextos a sua natureza hexamétrica, para permitir que o foco da leitura seja o da fruição poética e filosófica do epicurismo tão potente de Lucrécio. Reproduzo abaixo o trecho da nota do tradutor em que o ritmo é explicitado:

Quis produzir um poema em português, e o verso escolhido foi uma versão flexível do hexâmetro datílico brasileiro, baseado nas traduções de Homero e Virgílio, de Carlos Alberto Nunes, mas também no trabalho de Philippe Brunet, Rodney Merrill e Guillaume Boussard (tradutor de Lucrécio em hexâmetros franceses) e, no Brasil, de Leonardo Antunes e Guilherme Gontijo Flores. Tal emulação de hexâmetro em português brasileiro parte do tipo de verso utilizado por Carlos Alberto Nunes para traduzir todo o Homero e a *Eneida*, acrescida a possibilidade de substituições de sequências datílicas por sequências binárias trocaicas nos quatro primeiros “pés”, sequências que, em performance, podem ter sua segunda sílaba alongada para emular mais proximamente os efeitos rítmicos dos pés espondeus dos hexâmetros antigos.”

(GONÇALVES, *in* LUCRÉCIO, 2021, p. 22)

E, então, um trecho:

Corro os espaços das Musas Piérides, inda intocados  
por quaisquer outros pés. Agrada alcançar fontes frescas,  
delas o líquido haurir, e agrada colher novas flores,  
delas buscar pra minha cabeça uma insigne coroa  
onde jamais as Musas ornaram a têmpera a outrem;  
pois, primeiro, eu ensino de coisas e artes maiores,  
tento livrar o espírito da sujeição religiosa,  
pois, também, com assuntos tão obscuros ilustro  
versos tão lúcidos, todos contendo o charme das Musas. 10  
Isso contudo não sem nenhuma razão eu conduzo;  
como quando às crianças os médicos tétrico absinto  
tentam administrar, primeiro em volta da taça  
passam na borda o líquido mel, tão doce e dourado,  
para que possa a idade infantil insensata enganar-se  
até os lábios, de tal maneira que beba o amargo  
líquido absinto, assim, conduzida, mas não enganada,  
possa então a criança convalescer, recobrada;  
E eu assim, já que tal razão para muitos parece  
desagradável, aos nunca por ela tocados, e afasta-se  
horrorizado o vulgo, quis com um suaviloquente 20  
piério poema expor essa nossa filosofia  
e, como se contivesse mel adoçado das musas,  
te segurar o espírito com aquilo que exponho  
em nossos versos até que exaurisses com perspicácia  
toda a natura das coisas e dela tire proveito.  
(LUCRÉCIO, *Sobre a Natureza das Coisas*, IV, 1-25, trad. Rodrigo Gonçalves)

Seguindo para um projeto um pouco maior, tenho desenvolvido recentemente uma tradução integral das *Metamorfoses* de Ovídio usando o mesmo modelo de hexâmetro flexível do Horácio de Flores e do Lucrécio apresentado acima, com poucas modificações (uma delas dizendo respeito à possibilidade de elisão de vogal final de verso com sílaba átona inicial, que passa a ser contada como sílaba final do verso anterior, e não como anacruse – possibilidade pouco explorada no Lucrécio). Já mais da metade completa, a tradução tem como antecedentes dois momentos importantes, e aproveito para os analisar comparativamente com o desenvolvimento atual do metro em minha tradução. O primeiro deles consiste na realidade em meu primeiro exercício explícito e publicado de tradução hexamétrica, realizado coletivamente no âmbito de disciplina de prática de tradução literária na UFPR, e que saiu publicado em Gonçalves et al. (2011). O trecho do livro X escolhido foi traduzido conjuntamente com diversos estudantes de graduação a partir de um estudo do hexâmetro de Nunes. Como se tratava de ensaio muito inicial, apresento o resultado aqui comparando-o à versão mais atual da tradução que ora desenvolvo, não para denunciar a técnica ainda muito canhestra de nossa versão coletiva de há mais de dez anos, mas para apresentá-la como testemunho das possibilidades múltiplas do hexâmetro vernáculo e das diversas formas que ele pode assumir. Então vejamos:

Vai-se Himeneu com o manto dourado luzente coberto  
o Éter imenso percorre e dali se retira, seguindo  
em busca da costa da Trácia, em vão por Orfeu foi chamado.  
Lá ele esteve presente por certo, mas não trouxe aos noivos  
votos felizes, palavras solenes, semblantes alegres.

Também a tocha que o deus agitava faiscava incessante e lacrimosa fumaça emanava, sem chama brotar. O resultado foi mais tenebroso que o augúrio: a noiva com jovem grupo de ninfas andando na relva sofreu bote serpênteo em seu calcanhar e então pereceu. (Met. X, 1-1-, Gonçalves et al. 2011)

10

Vindo de lá coberto com manto açafraão pelo imenso éter transita Himeneu até as orlas dos cícones trácios, onde a voz de Orfeu, em vão, o havia chamado. Certo é que ali esteve, mas nem palavras solenes, rostos alegres e nem presságio feliz ele trouxe; a tocha que trazia crepitava com fumo lacrimogêneo e não produzia chama nenhuma. O êxito foi mais grave que o augúrio: a noiva recente, quando vagava na relva com a comitiva de ninfas, morre ao ter o pé cravado do dente da serpe. (Met. X, 1-10, Gonçalves 2021, em andamento)

10

Um segundo exemplo é o do livro VII, que, em 2014, saiu publicado na tradução múltipla editada pela Edufsc. Após solicitação de Mauri Furlan, um dos coordenadores dessa importante edição, levada a cabo por mais de quinze tradutores e tradutoras brasileiros, produzi, em prosa, uma versão do livro VII, já que essa havia sido a forma solicitada a todas e todos os tradutores e tradutoras, por motivo de padronização e para produzir uma edição bilíngue de estudo, especialmente para estudantes de graduação. Como uma espécie de tributo ao desejo de verter em hexâmetros esse poema gigante, minha prosa compunha-se de pés datílicos recorrentes “escondidos”, numa espécie de sistema datílico prosaico fluido, ou, para simplificar, a prosa tinha uma “cadência hexamétrica”. O resultado é aqui apresentado lado a lado com a versão atual, em que pude dar vazão ao hexâmetro mais plenamente:

E já sulcavam os mínias o mar com sua popa tessálica, e em noite perpétua portando a indigência da idade Fineu fora visto. E os jovens filhos de Bóreas as virgens aladas da frente do mísero velho afugentam. E tendo por muito passado sob ordens do claro Jasão alcançaram as águas velozes, ao fim, do Fásis lodoso.

E enquanto ao rei se dirigem a reivindicar o velo de Frixo, e enquanto que aos Mínios se dá horrenda carga de esforços sem conta, a filha de Eetes começa a queimar com fogos violentos. Mesmo lutando deveras, depois que a razão não pudera vencer o furor, “em vão, Medeia, resistes: não sei que deus se te opõe”, diz, “e admiro-me se não é isso, ou decerto algo próximo, o que chamam amar. Por que é que as demandas do pai a mim me parecem ser duras demais? Por que são, de fato, duras demais! Por que quanto a esse que acabo de ver, afinal, tanto temo que morra? Que tão grande causa para o temor? Arranca ao virgíneo peito as recém-concebidas chamas se podes, infeliz! Se pudesse, mais sã eu seria! Mas me arrasta contrária uma nova força; o desejo pr’um lado, e a mente p’ra outro me guia. Vejo as melhores e aprovo, mas coisas piores eu sigo. (OVÍDIO, Met. VII, 1-25, trad. Gonçalves, ed. Furlan e Nunes, 2017)

Já sulcavam o mar com a popa de Págasa os Mínios, sob a noite perpétua levando a indigência da idade fora visto Fineu. E os jovens filhos de Bóreas afugentaram as virgens aladas da frente do velho; muito passando sob o preclaro Jasão, finalmente alcançaram as águas velozes do Fásis lodoso. Quando chegaram ao rei a pedir pelo velo de Frixo, dá-se então aos Mínios horrenda carga de esforços, passa a queimar com fogos violentos a filha de Eetes e, longamente lutando, depois que a razão à loucura

10

não pudera vencer, “em vão, Medeia, resistes:  
não sei que deus se te opõe”, diz, “admira se não seja isso,  
ou decerto algo próximo, o que chamam amar. Mais:  
as demandas do pai, por que me parecem excessivas?  
(São, de fato, duras demais!) E a esse, que há pouco  
vi, porque tanto temo que morra? Do temor qual é a causa?  
Rasga do peito virgíneo as chamas recém-concebidas,  
infeliz, se puderes! Pudesse, mais sã eu seria!  
Mas me arrasta contrária uma nova força; o desejo  
para um lado, e a mente pra outro me guia. As melhores 20  
vejo e aprovo, mas coisas piores eu sigo! Arderes,  
por um hóspede, virgem real, o tálamo ao longe?  
Esta terra também pode dar-te um que ames. Que viva ou  
morra, só aos deuses cabe. Que viva, contudo!  
(OVÍDIO, Met. VII, 1-25, trad. Gonçalves 2021, em andamento)

Paro por aqui, esperando não ter negligenciado ninguém, mas sabendo que a natureza de um panorama é necessariamente superficial e circunstancial. As omissões devem-se a eventuais esquecimento ou incompetência, pelos quais peço desculpas antecipadamente. De qualquer forma, este texto não pretende, de modo algum, apresentar as traduções métricas, rítmicas, bárbaras, “ritmicamente conformes ao original” como superiores a quaisquer outros tipos ou modos de tradução, muito menos advogar em favor da substituição das outras formas por essa. Não pretende, tampouco, apresentar esse modo particular de tradução como algo mais complexo, mais refinado, mais sofisticado, mais fiel ou qualquer outro adjetivo. Antes, este texto visa fazer jus a algo que tem demonstrado ser mais do que simplesmente uma possibilidade marginal e peculiar na tradução literária de textos clássicos (e não apenas dos clássicos, como ilustram as citações de Pessoa e de Goethe aqui mesmo) e documentar um determinado estado de coisas, que, como creio poder apostar, estará bastante mais amplamente difundido e presente nas próximas décadas, dado o interesse crescente pela performance, pela recitação, pela recolocação da poesia na prática poética cotidiana, tão importante como fator de humanização num momento em que nos vemos às beiras de tantos elementos que apontam para a catástrofe, o colapso e o fim.

GONÇALVES, R. T. An overview of metrical translations of Greek and Roman poetry in Brazil. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 14, n. 1, p. 179-195, 2022.

## Referências

ANTUNES, C. Leonardo B. *Ritmo e Sonoridade na Poesia Grega Antiga: Uma tradução comentada de 23 poemas*. São Paulo: Humanitas, 2011.

ANTUNES, C. Leonardo. B. *Métrica e Rítmica nas Odes Píticas de Píndaro*. São Paulo, 2012, Tese de Doutorado. FFLCH/USP.

BASTOS, Jorge Henrique. O tradutor Carlos Alberto Nunes e sua *Eneida*. *Folha de S. Paulo*. Ilustríssima, São Paulo, 08 de fevereiro de 2015.

BOUSSARD, Guillaume. *Poétique de la traduction: approche pratique du Dē Rērum Nātūrā*. Rouen, 2021, Tese de Doutorado, Université de Rouen.

- BRUNET, Philippe (ed.). Homère en Hexamètres. *Revue Anabases*, vol. 20, 2014.
- BUDANT, Flávia F. da Motta. *Uma proposta de tradução poética do De Rerum Natura III, 830-1094*, Curitiba, 2013-14, Projeto de Iniciação Científica, UFPR.
- BUDANT, Flávia F. da Motta. *Catulo 64: uma proposta de tradução poética*. Curitiba, 2016, Monografia de conclusão de curso. UFPR.
- BUDANT, Flávia F. da Motta. Catulo 64: uma proposta de tradução poética. *Belas Infieis*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 119-123, 2020.
- CANDIDO, João Vitor Gonçalves. *O Raposo do Goethe: uma proposta de tradução do Reineke Fuchs*. Curitiba, 2017, Dissertação de Mestrado, UFPR.
- CARMO, Rafael Cavalcanti do. *Difficile Est Saturam Bene Vertere: os desafios da tradução poética e uma versão brasileira das Sátiras de Juvenal*. Vitória, 2018, Tese de Doutorado, UFES.
- CONTO, Luana de. Carlos Alberto Nunes, tradutor dos clássicos. *Anais da XXIII Semana de Estudos Clássicos*. XXIII Semana de Estudos Clássicos, Araraquara, 2008.
- FLORES, Guilherme Gontijo; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Três traduções rítmicas: Lucrécio, Catulo e Horácio. *Rónai - Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*. Juiz de Fora, v. 2, p. 175-179, 2014.
- FLORES, Guilherme Gontijo; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Polimetria Latina em Português. *Revista Letras*. Curitiba, v. 89, p. 144-169, 2014.
- FLORES, Guilherme Gontijo; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *Algo infiel: corpo performance tradução*. 1. ed. Florianópolis/São Paulo: Cultura & Barbárie / n-1 edições, 2017.
- FLORES, Guilherme Gontijo. *Uma poesia de mosaicos nas Odes de Horácio: comentário e tradução poética*. São Paulo, 2014b, Tese de Doutorado, USP.
- FLORES, Guilherme Gontijo. *Horácio. Arte Poética*. Tradução, introdução e notas de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- FLORES, Guilherme Gontijo. *Tradução-exu*. Belo Horizonte: Relicário, 2022.
- GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Traduções polimétricas de Plauto: em busca da polimetria plautina em português. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, v. 10, 2011.
- GONÇALVES, Rodrigo Tadeu et al. Uma tradução coletiva das Metamorfoses 10.1-297 com versos hexamétricos de Carlos Alberto Nunes. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, v. 10, p. 110-132, 2011.



GONÇALVES, Rodrigo Tadeu; CARDOSO, Leandro Dorval. *A poética da comédia nova romana. escamandro #1*, São Paulo: Patuá, 2014.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu; VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves. Apresentação ao Dossiê Tradução dos Clássicos no Brasil. Curitiba, v. 89, p. 99-102, 2014.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. L'hexamètre au Brésil: la tradition de Carlos Alberto Nunes. *Anabases*, Toulouse, v. 20, p. 151-164, 2014.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu et al. Galiambos Brasileiros: tradução e performance de Catulo 63. *Translatio*, Porto Alegre, v. 10, p. 70-78, 2015.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Tradução e ritmo: rêver le vers de Lucrécio. *Revista Morus*, Campinas, v. 11, p. 181-197, 2016.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Cultural anthropophagy in Brazilian receptions of the classics". *Itinerarios*, Araraquara, v. 45, p. 19-33, 2018.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Hexâmetros brasileiros no século XXI, apresentação no V Encontro Tradução dos Clássicos no Brasil, Casa Guilherme de Almeida, 2019.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu; Flores, Guilherme Gontijo. Translation as Classical Reception: 'Transcreative' Rhythmic Translations in Brazil. In: DE POURCQ, Maarten; RIJSER, David; DE HAHN, Nathalie (eds.) *Framing classical receptions*. Leiden: Brill, 2020.

GRAMACHO, Jair. *Hinos Homéricos*. Brasília: Editora da UnB, 2003.

GROCHOCKI, Marina C. A *Heroidum* epistula VII em dístico elegíaco brasileiro. *Translatio*, Porto Alegre, N. 11, 2016.

GROCHOCKI, Marina C. Uma tradução do poema Moretum em hexâmetro datílico português. *Codex*. Rio de Janeiro. Vol. 6 N. 1, 2018.

GROCHOCKI, Marina C. *A tradição bucólica no Apêndice Virgiliano* Curitiba, 2019, Dissertação de Mestrado, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná.

LASCOUX, Emmanuel. Rêves et réalités de l'hexamètre. *Anabases*, 20, 2014.

LAUTENSCHLAGER, Raphael Pappa. *Transversal do tempo: transduzindo homoerotismos, assumindo anaqueernismos e questionando identidades na Grécia arcaica e no Brasil do século XXI*. Curitiba, 2021, Tese de Doutorado, Setor de Ciências Humanas, UFPR.

LORMIER, Juliette. Traduire en hexamètres français: une contradiction dans les termes?. *Anabases* 20, 2014: 174-191.

MERRILL, Rodney. English Translations of Homeric Epic in Dactylic Hexameters. *Anabases*, 20, 2014.

OLIVA NETO, João Angelo.; NOGUEIRA, Érico. O hexâmetro dactílico vernáculo antes de Carlos Alberto Nunes. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, 13: 295-311, julho de 2013.

OLIVA NETO, João Angelo. O hexâmetro datílico de Carlos Alberto Nunes: teoria e repercussões. *Revista Letras*, Curitiba, v. 89, p. 187-204, 2014.

NOGUEIRA, Érico. *Verdade, contenda e poesia nos idílios de Teócrito*. São Paulo: Humanitas, 2013.

NOGUEIRA, Érico. Versos de medição greco-latina em “Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio” de Ricardo Reis. *Revista Letras*, Curitiba, v. 89, p. 173-186, 2014.

PALAVRO, Bruno. *Hesiódica*. Porto Alegre, 2021, Dissertação de Mestrado, UFRGS.

POE, Edgar Allan. *O Corvo*. Traduções de Machado de Assis e Fernando Pessoa. Organização, posfácios e tradução dos ensaios de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Daniel Falkemback. *Metro, diálogo e tradução das bucólicas de Calpúrnio Sículo*. Curitiba, 2021, Tese de doutorado, UFPR.

SANTOS, Arthur Rodrigues Pereira. *GEÓRGICAS BÁRBARAS: Estudo para uma tradução hexamétrica do poema didático virgiliano*. Rio de Janeiro, 2020, Tese de Doutorado, UFRJ.

SOUZA, Luiza dos Santos. *Bi-tradução do livro primeiro dos Amores de Ovídio: reflexões sobre dois modos de verter o dístico elegíaco*. Curitiba, 2016, Dissertação de Mestrado, Setor de Ciências Humanas, UFPR.

TÁPIA, Marcelo. *Diferentes percursos de tradução da épica homérica como paradigmas metodológicos de recriação poética*. Um estudo propositivo sobre linguagem, poesia e tradução. São Paulo, 2012, Tese de doutorado. FFLCH, USP.

TÁPIA, Marcelo. *Nékuia*. Um diálogo com os mortos. Recriação do canto XI da Odisseia de Homero, seguida de estudos sobre tradução poética. São Paulo: Perspectiva, 2021.

### **Edições citadas**

HORÁCIO. *Arte Poética*. Tradução de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LUCRÉCIO. *Sobre a natureza das coisas*. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Org. Mauri Furlan e Zilda Gesser Nunes. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.

PLAUTO. *Anfitrião*. Tradução de Leandro Dorval Cardoso. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SAFO. *Fragmentos Completos*. Tradução de Guilherme Gontijo Flores. São Paulo: Editora 34, 2017.

SÓFOCLES. *Édipo Tirano*. Tradução de Leonardo Antunes. São Paulo: todavia, 2018.

TERÊNCIO. *Os Adelfos*. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Organização de João Angelo Oliva Neto. Edição bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2014.